

O ETHOS E A IDEOLOGIA NO DISCURSO POLÍTICO DE DILMA ROUSSEFF

Laurenci Barros Esteves¹

Darling Moreira do Nascimento²

O ethos no discurso político

A percepção de *ethos* é definida como a imagem que o enunciador projeta, de si mesmo, durante o processo de enunciação, conforme nos mostra Maingueneau (1995), e permite ao co-enunciador construir uma personalidade do enunciador por meio do discurso. Na antiguidade, Aristóteles teceu as primeiras considerações sobre o *ethos*, mostrando que o mesmo agia pela empatia ou pela identificação.

A construção do *ethos* do enunciador se dá a partir da interação verbal. Charaudeau (2006, p. 253) pontua que todo ato de linguagem tem como ponto de partida um sujeito, que necessita do outro para existir. Logo, observamos que todo ato de linguagem é, inevitavelmente, um “agir sobre o outro”, de modo que é a língua o principal instrumento de persuasão utilizado pelo locutor. No que diz respeito ao discurso político, observa-se que o político vai trabalhar, em seu discurso, a projeção de sua “imagem”, necessária para que ele consiga “seduzir” o interlocutor, para que finalmente ele passe a comungar com as suas idéias.

Christian Plantin (2008, p. 112), ao basear-se nas considerações de Aristóteles, expõe os elementos constitutivos do *ethos* do locutor: um elemento extradiscursivo, relacionado a uma “prevenção” favorável ao orador (reputação, prestígio, carisma), um elemento intradiscursivo, que é a impressão causada pela voz, pela leitura de um texto pelo locutor, e o último elemento, apontado com base nas considerações de Ducrot, que é a referência do locutor a ele mesmo (como quando ele valoriza, em sua fala, os seus próprios valores, suas origens).

No processo de formação do *ethos*, através do discurso, Charaudeau (2006, p. 260-261) elenca quatro diferentes tipos de estratégias discursivas que são logicamente necessárias para a composição da imagem (*ethos*) do político: a palavra de promessa (onde é abordada a realidade e trabalha-se a busca pela credibilidade, pelo convencimento do público para a construção do *ethos* credível), a palavra de decisão (destaca-se um problema comum no país e, posteriormente, o candidato mostra “soluções” para o mesmo, sendo que essa solução será aplicada em seu governo), a palavra de justificação (lembra-se o motivo para uma determinada ação ter sido tomada, de modo que são abertas possibilidades para que novas ações sejam

¹ Graduando do curso de Letras e Artes pela Universidade Estadual de Santa Cruz, UESC. Contato: lbsteves@gmail.com

² Graduanda do curso de Letras e Artes pela Universidade Estadual de Santa Cruz, UESC. Contato: darling_12a@hotmail.com

tomadas) e, por fim, a palavra de dissimulação (onde o político antecipa-se, abrindo espaço para a negação de qualquer coisa que tenha dito anteriormente).

Na tentativa de convencimento do interlocutor (eleitor) pelo locutor (político), são identificáveis as condições da palavra política, onde o enunciador irá simplificar suas idéias e raciocínios para facilitar a compreensão de suas propostas e de sua lógica, pelo interlocutor, bem como a condição de credibilidade, onde objetiva-se a construção direta do *ethos*, que pode transparecer lucidez, virtude, determinação etc (CHARAUDEAU, 2006, p. 264-267).

Dessa forma, observa-se que uma das principais pressuposições que moldam o discurso político é a de que para que o voto seja conquistado, o político necessita inspirar confiança, simpatia e credibilidade no interlocutor, e o *ethos* é uma das ferramentas das quais ele fará uso para atingir os seus objetivos.

A ideologia

Em sua obra, o linguista russo Mikhail Bakhtin (1997) propõe uma abordagem marxista da filosofia da linguagem, trabalhando as relações que se estabelecem entre a língua e a sociedade. Bakhtin destaca a importância da enunciação (em oposição a Ferdinand de Saussure), na medida em que aponta a sua natureza social, bem como o elo entre a fala e as condições de comunicação, relacionadas diretamente com as mais diversificadas estruturas sociais. Dessa forma, Bakhtin (1997, p. 14) nos mostra que:

[...] a palavra é a arena onde se confrontam os valores sociais contraditórios; os conflitos da língua refletem os conflitos de classe no interior mesmo do sistema: comunidade semiótica e classe social não se recobrem. A comunicação verbal, inseparável das outras formas de comunicação, implica conflitos, relações de dominação e de resistência, adaptação ou resistência à hierarquia, utilização da língua pela classe dominante para reforçar seu poder etc.

Bakhtin (1997) considera a questão da enunciação, vista como a unidade base da língua. Afirma, deste modo, que a sua natureza é social e ideológica. Assim, a palavra apresenta-se como ideológica por excelência, enquanto o pensamento é afetado pela ideologia. São muitos os teóricos que expõem inúmeras considerações sobre o que é a ideologia. Karl Marx e Engels, por exemplo, são pensadores pioneiros nos estudos ideológicos.

Conforme pontua Brandão (2004), o termo ideologia, nas reflexões dos teóricos citados, chega a carregar uma “carga semântica negativa”. Marx e Engels, desta maneira:

[...] identificam “ideologia” com a separação que se faz entre a produção das idéias e as condições sociais e históricas em que são produzidas. Por isso é que eles tomam como base para as suas formulações apenas dados possíveis de uma verificação puramente empírica: os dados da realidade

que são “os indivíduos reais, sua ação e suas condições materiais de existência” [...] (BRANDÃO, 2004, p.20).

Na concepção marxista acerca da ideologia, a mesma não passa da falsa consciência, como um apanhado de propostas criadas em meio a uma sociedade caracterizada pela existência da burguesia, onde os interesses da classe social dominante, rica, são cuidadosamente expostos, de modo que sejam vistos como benéficos a todas as classes.

À luz das reflexões de Fiorin (1997) sobre os pensamentos marxistas, vemos que em uma dada formação social, são perceptíveis dois níveis de aparência: um profundo e um superficial. No nível superficial, o salário, por exemplo, é exposto como o pagamento justo para um dado trabalho realizado. No nível profundo, é perceptível a inexistência desta igualdade entre trabalho e salário, visto que o tempo de trabalho excedente (sobrevvalor apropriado pelo capitalista) do trabalhador não é pago.

De acordo com Fiorin (1997, p. 28):

A partir do nível fenomênico da realidade, constroem-se as idéias dominantes numa dada formação social. Essas idéias são racionalizações que explicam e justificam a realidade. Na sociedade capitalista, a partir do nível aparente, constroem-se os conceitos de individualidade, de liberdade como algo individual, etc. Aparecem as idéias da desigualdade natural dos homens, uma vez que uns são mais inteligentes ou mais espertos que os outros. Daí, se deduz que as desigualdades sociais são naturais.

Em seus estudos sobre a relação entre a linguagem e a ideologia, Fiorin (1997) percorre os pensamentos de Marx e tece diversas considerações sobre a realidade social, bem como a resposta da sociedade ao trabalho excedente, onde uma falsa igualdade é mascarada.

O capitalismo, como sistema econômico vigente em quase todo o mundo nos revela o jogo de interesses que ocorre em uma sociedade estratificada, na medida em que uma classe social dominante impõe a sua ideologia, sua “visão de mundo” à classe dominada. Essa visão de mundo detém e representa os valores de uma classe dominante, capitalista, cujos mesmos valores são expostos como universais, estruturando e regendo a própria sociedade.

Nessa perspectiva, após refletirmos sobre a concepção de ideologia, é pertinente entender que a cada classe social corresponde um determinado tipo de formação ideológica; é, pois, esta que a diferencia das outras classes. Dentro deste contexto, observa-se a importância da concepção de formação ideológica na produção de enunciados. Conforme expõe Mussalin (2001, p. 133), podemos inferir, no que diz respeito à formação ideológica, que:

[...] o sujeito do discurso ocupa um lugar de onde enuncia, e é este lugar, entendido como a representação de traços de determinado lugar social (o lugar do professor, do político, do publicitário, por exemplo), que determina o que ele pode ou não dizer a partir dali. Ou seja, este sujeito, ocupando o lugar que ocupa no interior de uma formação social é dominado por uma determinada formação ideológica que preestabelece as possibilidades de sentido de seu discurso.

No processo de consolidação da ideologia produzida pelo sujeito discursivo, há a confrontação desta com outras formações ideológicas presentes no auditório, já que o enunciador busca modificar e avigorar as idéias do interlocutor, tomadas por crenças e conceitos, frutos de uma vivência social.

Ao considerarmos as concepções de Althusser (1974, p. 23), outro importante teórico, sobre a ideologia, percebemos que a classe dominante é responsável pela produção de mecanismos de “perpetuação” ou de “reprodução” das condições materiais, ideológicas e políticas de exploração. Por meio desta constatação, podemos observar o papel exercido pelo Estado, que age através de seus Aparelhos Repressores e Aparelhos Ideológicos, intervindo por meio da repressão ou da própria ideologia, induzindo a classe dominada, mesmo que de forma imperceptível, a submeter-se às suas imposições

O ethos e a ideologia no discurso político

O discurso político é a reflexão da riqueza discursiva, visto que nele mesclam-se fatos de diversas ordens, sejam eles políticos, sociais, morais etc. O poder da interação verbal remete a uma série de fatores de diferentes origens que, mesclados, conseguem levar o interlocutor a ser seduzido pelas idéias e pela imagem projetada pelo enunciador em sua fala.

Conforme realça Brandão (2004), é no discurso em que se articulam os processos ideológicos e os fenômenos linguísticos, e é através do discurso que o homem, enquanto sujeito, irá sempre reproduzir, mesmo que involuntariamente, a ideologia da classe social à qual pertence.

Com a finalidade de expor o processo de construção da ideologia e do *ethos* no discurso político, utilizaremos o discurso político de Dilma Rousseff, enquanto candidata à presidência da república, dada a intensa polêmica causada pela rivalidade entre os partidos PT e PSDB, e por conta dos embates públicos entre a candidata e o seu adversário, o candidato José Serra, durante o período de eleições presidenciais.

Para facilitar a leitura dos trechos estudados que compõem o *corpus* deste trabalho, optou-se pela enumeração de cada análise separadamente.

Análise do corpus

No discurso político, observa-se que cada partido volta-se, direta ou indiretamente, para um determinado “público”, que pode ser representado pelas classes mais baixas ou as mais altas. Com relação ao PT, partido dos trabalhadores, observa-se que o grande apelo do partido direciona-se às “massas”, à classe operária, aos trabalhadores brasileiros.

Em sua obra relacionada à Análise do Discurso, Michel Pêcheux define o que é formação discursiva, de modo que a mesma refere-se ao que em uma determinada formação ideológica determina o que pode ou não ser dito numa situação específica (BARONAS, 2004).

Em seu discurso, a candidata à presidência Dilma Roussef, faz uso de uma linguagem formal, porém compreensível ao auditório. No processo de enunciação, adéqua-se verbalmente à situação, e inicia o seu enunciado da seguinte forma:

Análise 01 (linhas 1-11):

“Companheiras e Companheiros do meu partido,

A minha emoção é muito grande. Mas a minha alegria também é muito grande por esta festa estar tão cheia de energia, tão cheia de confiança e esperança. Sei que esta festa não é para homenagear uma candidata. Aqui nós estamos celebrando, em primeiro lugar, a mulher brasileira. Aqui se consagra e se afirma a capacidade de ser, de fazer da mulher brasileira.

Em nome de todas as mulheres do Brasil, em especial, da minha mãe e da minha filha, recebo essa homenagem e essa indicação para concorrer à Presidência da República. Ser a primeira mulher presidente do meu País é o que eu almejo. É também em nome delas que eu repito, eu abraço essa missão deferida pelo meu partido, o Partido dos Trabalhadores, e pelos partidos da nossa coligação que hoje estão aqui presentes.”

Podemos notar que a candidata inicia o seu discurso apoiando-se na figura da mulher, e em sua própria condição de mulher, dado o fato de que poucas mulheres candidataram-se à presidência do país, o que também remete à questão histórica que envolve a submissão da mulher na sociedade. Sua estratégia discursiva, que é a busca pela adesão do eleitorado feminino, será repetida ao longo de todo o seu discurso, quando torna sempre a evocar a figura feminina, fazendo questão de separar os eleitores do sexo masculino e feminino em sua fala. Nestes primeiros momentos de seu discurso, inicia a construção do seu *ethos*, voltado para a figura maternal e pioneira, vista a possibilidade de se tornar a primeira mulher a presidir o país. Todavia, situa-se sempre ao lado do eleitor, por meio da adjetivação, quando se refere ao seu público por meio dos adjetivos “companheiras” e “companheiros”.

Análise 02 (linhas 17-28):

“E não é por acaso que, depois desse grande homem, ele pode ser governado por uma mulher. Um Brasil de Lula com a alma e coração de mulher.

O nosso presidente Lula mudou o Brasil. E o Brasil por causa dessa mudança quer seguir mudando. A continuidade que o Brasil deseja é a continuidade da mudança, que é isso que nós conseguimos mudar. É seguir mudando para melhor, mudando para melhor o emprego, a saúde, a segurança, a educação.

É seguir mudando com mais crescimento e inclusão social. É seguir mudando para que outros milhões de brasileiros saiam da pobreza e entrem na classe média, como nós conseguimos durante o governo do nosso presidente Lula.

É seguir mudando para diminuir ainda mais a desigualdade entre as pessoas, os gêneros, as regiões e as etnias.”

Conforme nos mostra Charaudeau (2006), o político faz uso da palavra de simplicidade quando aborda, em seu discurso, um conjunto de valores “universais” à sociedade heterogênea na qual está inserido. No caso do discurso de Dilma Rousseff, é perceptível o início do processo de simplificação de raciocínio e apresentação das idéias iniciais de sua proposta (relacionadas às melhores condições de vida para os brasileiros), que serão desenvolvidas ao longo de seu discurso.

Sua condição de mulher torna a ser inserida no discurso, para reforçar a construção de um *ethos* forte, convicto, mas ao mesmo tempo humano. Atenta-se, também, para o início da construção de enunciados com gerúndio, que causam um efeito de sentido “contínuo”, como se a ação permanecesse constante, em desenvolvimento.

Análise 03 (linhas 29-31):

“Minhas queridas companheiras e meus queridos companheiros, a distância entre o sonhar e o fazer pode ser mais curta do que a gente imagina, desde que a gente tenha a coragem, a determinação – que eu sei que nós temos.”

Vemos que a candidata reinicia o seu discurso, novamente dirigindo-se separadamente aos eleitores do sexo feminino e masculino. Agrega ao seu *ethos* a imagem de convicção, quando afirma, ao encerrar o enunciado, que a coragem e a determinação são imprescindíveis para a concretização das ideias.

Análise 04 (linhas 41-51):

“Pois é, companheiros, nós somos aqueles capazes de realizar o impossível. Quando me perguntam: mas como é que isso aconteceu? Eu respondo: foi porque trabalhamos com cabeça e com o coração. Foi porque

trabalhamos primeiro para as pessoas e nós produzimos resultados surpreendentes.

Quando perguntam como isso aconteceu, eu também respondo: foi porque nós soubemos abrir novos caminhos, quebrando antigos tabus. O tabu mais importante que quebramos foi o de que era quase impossível governar para todos os brasileiros.

Historicamente quase todos os presidentes que nos antecederam, que antecederam o governo do presidente Lula, governaram para um terço da população. Poucos foram aqueles que governaram para todos. Para muitos deles o resto era peso, o resto da população era resto, era peso, era carga, era estorvo.”

No início deste fragmento, a candidata situa-se, diretamente, como parte do grupo de políticos responsáveis pelas “mudanças” que começaram a ocorrer no país a partir do momento em que o presidente Lula foi eleito, através do uso do pronome pessoal “nós”. Atribui a ela mesma e ao grupo do qual fez parte, uma série de feitos relacionados à inteligência e bom senso, que culminaram em um governo feito para “todos os brasileiros”. Trabalha, desta forma, a construção de sua imagem “competente”, presente na política brasileira desde o momento em que teve início o ato de governar para todos. No terceiro parágrafo do fragmento, é feita uma referência direta ao governo anterior, de ideologia diferente, comandado pelo ex-presidente Fernando Henrique Cardoso, membro do PSDB (partido de centro-esquerda que desponta como principal opositor ao PT). Frisa-se que o principal adversário da candidata Dilma Rousseff foi o candidato do PSDB à presidência, José Serra.

A ideologia do PT, à nível de esclarecimento, tem as suas raízes na visão socialista-democrática, com traços do populismo e do marxismo. A ideologia do PSDB, por sua vez, enraíza-se no neoliberalismo e na social democracia. Também, através do uso dos termos “nós” e “todos”, a enunciadora se apropria de uma formação discursiva socialista e, com isso, constrói o *ethos* de humildade, afirmando inclusive que o governo não é apenas dela, mas em primeiro lugar do povo.

Análise 05 (linhas 56-64):

“O resultado era um só. O Brasil era uma casa dividida, marcada pela injustiça e pelo ressentimento. Nós fizemos o contrário. Só fazia sentido governar se fosse para todos, e provamos que aquilo que era considerado estorvo, aquilo que era considerado peso e carga, eram na verdade a força, o impulso para crescer, avançar e fazer esse país, um país de todos.

Quebramos o tabu e provamos que incluir os mais fracos e os mais necessitados de progresso era um avanço no desenvolvimento do país. Um caminho socialmente correto, um caminho politicamente indispensável e, sobretudo, um caminho que eleva economicamente o crescimento e o desenvolvimento.”

No primeiro trecho é perceptível que para fortificar a sua argumentação, a enunciadora tenta fazer a desconstrução do *ethos* adversário, neste caso, o candidato do PSDB, mostrando os erros que foram cometidos durante o governo que precedeu o governo Lula. Para isso, alega que a oposição fazia um governo restrito, sem atingir a todas as classes, provocando a injustiça e o ressentimento. Dessa forma, aproveita-se deste fato para construir o *ethos* de incompetência associável ao seu adversário e, ao mesmo tempo, o seu próprio *ethos* de competência.

O fragmento analisado traz à tona a condição de dramatização da palavra política, conforme nos mostra Charaudeau (2006), onde o candidato irá buscar a comoção do público, através de argumentos que retomem momentos críticos enfrentados pela nação brasileira. Consolida-se também, neste fragmento, a formação do *ethos* de “credibilidade”, que dará suporte para a identificação dos eleitores com o candidato. Destaca-se também que, em sua dramatização, a candidata critica diretamente o governo do partido adversário, conforme persiste o embate de ideologias.

Nas considerações de Dilma Rousseff, observa-se a ideologia capitalista camuflada no discurso, na medida em que apesar de ter ocorrido uma redução nas desigualdades sociais que assolam o país, a desigualdade e a miséria ainda são uma realidade no Brasil. Assim, o aparelho ideológico político nega a realidade e esconde o fato de que a alta renda e a riqueza concentram-se nas “mãos” de uma minoria: as classes mais elevadas, representadas pelos grandes empresários e donos de indústrias.

No segundo fragmento, a enunciadora edifica o *ethos* solidário, evidenciando sentimentos para com as classes menos favorecidas. Com isso, faz uso da emoção para comover o eleitorado, confirmando o que proferiu Charaudeau (2006), de que a reprodução discursiva atua sobre o interlocutor, de forma que persuade-se o público a acreditar que este governo é o melhor para o país.

Análise 06:

“Mas, para ampliar o que nós conquistamos, precisamos reforçar” (linha 84)

“Esse trabalho terá como prioridade” (linhas 89-90)

“Mas é também preciso dar aos professores uma remuneração condizente com a importância deles.” (linhas 94-95)

“É importante, companheiros, que os nossos professores, sobretudo, sejam respeitados.” (linha 96)

“É necessário qualificar o ensino universitário” (linha 104)

“Quero dizer para vocês uma coisa: se eleita presidente, eu vou liderar sem descanso esse progresso. Esse processo de levar a educação a todos os brasileiros e brasileiras.” (linhas 108 e 109)

“Daremos prioridade ao desenvolvimento de remédios, produção no Brasil dos chamados fármacos, de modo que as nossas instituições de pesquisas universidades e empresas sejam capazes de produzir aqui remédios adequados e mais baratos.” (linhas 118-120)

“Participei da concepção e da coordenação do Programa Minha Casa, Minha Vida, a pedido do presidente Lula. Esse programa, portanto, eu sei como fazer para avançar mais. E nós já temos pronto o projeto para mais 2 milhões de moradias.” (linhas 172-175)

“Para o Brasil seguir mudando, e para melhor, é fundamental promover um salto de qualidade na assistência universal produzida pelo Sistema Único de Saúde.” (linhas 110-111)

“Companheiras e companheiros, para o Brasil seguir mudando é preciso, acima de tudo, manter e aprofundar o olhar social do governo do nosso grande presidente Luiz Inácio Lula da Silva.” (linhas 241-243)

“Para o Brasil seguir mudando, é preciso continuar a investir maciçamente em infraestrutura.” (linhas 160-161)

“Para o Brasil seguir mudando, nós precisamos vencer o déficit habitacional, a falta de moradia, já nessa década que se inicia.” (linhas 168-169)

“Para o Brasil seguir mudando, é preciso assegurar a estabilidade e continuar as reformas que melhoram o ambiente econômico, em especial a Reforma Tributária.” (linhas 189-190)

“Para o Brasil, companheiros e companheiras, seguir mudando, nós precisamos valorizar a nossa cultura” (linhas 197-198)

Para uma melhor análise dos trechos logo acima apontados, os dividimos em duas partes: na primeira, observamos os aspectos referentes à palavra política, e na segunda parte, a construção do *ethos* por associação ao que foi feito no passado.

No estudo dos seis primeiros trechos destacados, transparece-se que a candidata irá sempre apontar o que ainda falta no país, como a valorização do ensino, do curso superior e da educação em si. No sétimo trecho, retoma-se a palavra de promessa, quando a candidata afirma que tomará uma determinada atitude benéfica à população caso seja eleita. Posteriormente, consolida o seu *ethos* participativo e construtor do progresso da nação brasileira, quando transparece a sua participação de programas como “Minha casa, minha vida”, que gozaram de extrema popularidade entre a população brasileira.

A partir do nono trecho, a candidata faz, novamente, uso do gerúndio, o que contribui com efeito da palavra de decisão. Dessa forma, transparece ao interlocutor que o seu objetivo é dar continuidade aos projetos de Lula, lançando a todos os momentos as respostas para que essa mudança tenha continuidade.

Com o objetivo de transmitir aptidão para continuar a mudança iniciada por Lula, a candidata constrói o *ethos* de competência. Para Charaudeau (2006), este *ethos* deve vir acompanhado com o saber e habilidade, sendo que o político deve apresentar eficácia no conhecimento a respeito da política. Esta eficácia é comprovada por meio da demonstração de

poder e experiência, necessários para realização das promessas efetuadas. Como a candidata não possuía experiência administrativa na política, utilizou-se do *ethos* de experiência do presidente Lula para mostrar que governaria o país com eficiência; para isso, montou o seu discurso com o emprego constante do verbo “continuar” e da expressão “seguir mudando”.

Análise 07 (linhas 299-318):

“Mas depois de eleitos, governaremos para todos os brasileiros, como fez Lula, o presidente que uniu os brasileiros. Governaremos para todos, sem exceção.

Eu sei como buscar a união de forças e não a divisão estéril. Sei como estimular o debate político sério e não o envenenamento que não serve a ninguém.

Para concluir, quero lembrar para vocês, contar para vocês, uma cena que vivi há poucos dias num aeroporto e que me comoveu fortemente. Eu estava num aeroporto, quando um jovem casal, com uma filhinha muito bonita, se aproximou de mim. E a mãe falou assim: “eu trouxe minha filha aqui para você dizer a ela que mulher pode”. Aí ela disse que mulher pode. Eu perguntei para a menina: “mulher pode o quê?”. E ela: “ser presidente”. Aí, eu disse: “pode sim, não tenha dúvida que pode”. Sabem como é o nome desta menininha? Ela chama Vitória! Pois é, para ela, para essa menina chamada Vitória, e para as milhões e milhões de pequenas Vitórias e Marias, meninas deste Brasil que não sabem ainda que uma mulher pode ser presidente, é para elas que eu quero dedicar a minha luta. E a nossa vitória.

Para que, assim como depois de Lula, um operário brasileiro, qualquer operário brasileiro, saiba que ele, seu filho, seu neto, podem ser presidente do Brasil. Assim como Lula construiu essas certezas, essas pequenas Vitórias e Marias também possam responder, quando perguntadas o que vão ser quando crescer; que elas possam responder, como fazem os meninos : “Eu quero ser Presidente do Brasil!”.”

Na última parte de seu discurso, a candidata desponta com o seu *ethos* construído, finalizado, transparecendo seriedade, empenho, convicção, inteligência e emoção. Utiliza-se da palavra de dramatização, quando se refere a uma criança chamada “Vitória”, indagando sobre o que a mulher pode fazer. O mesmo ocorre quando se refere à trajetória de Lula que, uma vez operário, conseguiu chegar à presidência do país. O eleitor, desta forma, identifica-se com o que é exposto pela candidata, de modo que, pelo discurso por ela apresentado, qualquer pessoa pode atingir o cargo e os objetivos que desejar.

A candidata se apóia sempre em sua figura de mulher, para agregar mais emoção ao seu discurso, constantemente reiniciando a sua fala ao se dirigir, inicialmente, às suas “companheiras”. Encerra o seu discurso com uma citação de uma frase comum às crianças do sexo masculino, apontando que qualquer um pode atingir os seus objetivos, independentemente de seu sexo. Neste momento, o *ethos* inspira a superação e a obstinação que, impregnados em sua fala, encerram o seu discurso.

Conclusão

É, pois, através da fala que o locutor age sobre o interlocutor, utilizando a comunicação verbal para influenciar o outro, através da persuasão, da sedução. Concretizado como a resposta positiva das estratégias discursivas do político, o voto é a comprovação do sucesso, a consequência da eficácia da construção inteligente do *ethos*, associada ao “mascaramento” pertinente das ideologias da classe social dominante, de modo que tudo o que é dito seja passível de identificação, refletindo os interesses do povo de um modo geral, universal.

Como fenômeno midiático, o discurso político atinge pessoas de todas as classes sociais, tendo sido construído e minuciosamente calculado cada detalhe expresso através da fala do candidato/político, por meio de muitas reflexões e análises.

Deste modo, observamos o poder da palavra, enquanto arena de confrontos de diversas ideologias opostas, ou como meio de convencimento, de uma argumentação convincente, onde a consequência é o despertar de “paixões”, da confiança e do apoio do eleitor. É a fala um dos meios de convencimento, de “advogar” contra ou a favor de si mesmo, e, principalmente, uma das formas encontradas pelos grandes líderes mundiais para que o povo, por meio do discurso, neles creiam.

Conforme o exposto, é perceptível o caráter persuasivo do discurso analisado, conforme apresenta um enunciado que vai de encontro aos interesses do povo brasileiro, em especial os interesses das camadas mais populares, o que culmina na conquista dos objetivos relevantes para o espaço discursivo, bem como a interação e a adequação ao contexto social.

Referências

ALTHUSSER, L. **Aparelhos ideológicos de Estado**. Tradução de J. J. Moura Ramos. Lisboa: Presença, Martins Fontes, 1974.

A VITÓRIA PETISTA EM GOIÂNIA: UM VOTO PARTIDÁRIO OU UM VOTO PELA ÉTICA NA POLÍTICA? Disponível em: <
<http://www.opiniaopublica.ufmg.br/biblioteca/Denise%20Paiva%20e%20Silvana%20Krauser%20-%20A%20Vitoria%20Petista%20em%20Goiania%20Um%20voto%20partidario%20ou%20um%20voto%20pela%20etica%20na%20politica.pdf>> Acesso em 25 de novembro de 2010.

BAKHTIN, M. M. (VOLOCHINOV). **Marxismo e filosofia da linguagem**: Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. 8a ed. São Paulo; Hucitec, 1997.

BARONAS, R. L. Formação discursiva em Pêcheux e Foucault: uma estranha paternidade. In: SARGENTINI, V. & NAVARRO-BARBOSA, P. M. **Foucault e os domínios da linguagem**: discurso, poder, subjetividades. São Carlos: Claraluz, 2004.

BRANDÃO, Helena H. Nagamine. **Introdução à análise do discurso**. 2 ed. Campinas: Ed. da Unicamp, 2004.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso Político**. Tradução Fabiana Komesu e Dilson Ferreira da Cruz. São Paulo: Contexto, 2006.

DISCURSO DE DILMA ROUSSEFF NA CONVENÇÃO DO PT. Disponível em: <
<http://mais.uol.com.br/view/n8doj4q93lke/eu-querer-ser-presidente-do-brasil-040299396EDCA113A6?types=A&>> Acesso em 20 de novembro de 2010.

FIORIN, José Luiz. **Linguagem e ideologia**. 2. ed São Paulo: Ática, 1990.

MAINGENEAU, Dominique. **O contexto da obra literária**. São Paulo: Martins fontes, 1995.

MAINGUENEAU, Dominique. **Novas Tendências em Análise do Discurso**. 3ª ed. Trad. Freda Indursky. Campinas: Pontes, 1997.

MUSSALIN, Fernanda & Anna Christina BENTES (2001) (orgs.) **Introdução à Lingüística: Domínios e Fronteiras**. São Paulo: Cortez Editora.

PLANTIN, Christian. **A argumentação: história, teorias, perspectivas**. Trad. Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2008.